

A PESQUISA QUALITATIVA: SISTEMATIZAÇÃO DE TEMAS GERADORES E TÉCNICAS DE GRUPO*

Maria Teresa C. Laganá**

LAGANÁ, M. T. C. A pesquisa qualitativa: sistematização de temas geradores e técnicas de grupo. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 23(1):-, abr. 1989.

O estudo descreve a sistematização de temas geradores em representações sociais, seguidas de trabalho em grupo com intervenções que passam pelos estágios da identificação, da domesticidade, da reaprendizagem e da redefinição de papéis.

UNITERMOS: *Pesquisa qualitativa. Métodos de pesquisa.*

I. INTRODUÇÃO

Num trabalho participativo, de abordagem qualitativa, onde se pretende dar ênfase aos indivíduos em suas relações grupais e não em observações realizadas sobre eles, existem formas diferentes de se obter o conhecimento e a compreensão do movimento espontâneo do pensamento-ação das pessoas envolvidas com o estudo. Desse modo, o desenvolvimento do processo da pesquisa deve partir da ação espontânea e reiterativa até a ação reflexiva e criativa dos sujeitos da amostra, sobre seus modos de pensarem o mundo.

Pode-se tentar conhecer o pensamento reiterativo dos indivíduos, descobrindo os temas ou núcleos dos seus discursos que devem ser representados de forma a possibilitar uma análise qualitativa. Numa segunda etapa é necessário compreender a natureza dos fenômenos encontrados através das intervenções com o grupo. Estas são definidas como a forma de obter que as pessoas interfiram em suas próprias realidades a partir delas mesmas elaborando uma nova visão do seu trabalho e do seu mundo, substituindo, conforme KONDER¹ o senso comum e a prática reiterativa por outra realidade reelaborada a partir de uma nova consciência.

A operacionalização dessas duas fases distintas de uma pesquisa qualitativa é o que se pretende descrever neste trabalho.

* Parte da monografia de mestrado apresentada à Escola de Enfermagem da USP. São Paulo, 1986.

** Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Professor Assistente do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da Escola de Enfermagem da USP. Disciplinas Introdução e Fundamentos de Enfermagem.

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Para representar graficamente um discurso reproduzido de forma linear utiliza-se as representações sociais que, para LANE ², implicam em conhecer não só o discurso mais amplo mas em compreender a situação que define o indivíduo que as produz. As representações sociais então, podem ser obtidas através dos gráficos estruturais que são as representações gráficas da estrutura do discurso a partir dos seus temas ou núcleos geradores.

A elaboração dos gráficos estruturais parte de entrevistas gravadas e transcritas. O primeiro passo é numerar cada página da entrevista a fim de localizar as falas no discurso. Lendo as entrevistas percebe-se os temas a que o entrevistado faz referência. Cada tema que surge é transcrito a parte, tendo, ao lado suas respectivas falas que o identificam como tal. Cada fala é numerada na ordem que vai surgindo no discurso e de acordo com a página na qual se encontra.

O *tema* representa a palavra a que o protagonista do discurso faz referência de forma a gerar assuntos sobre sua visão de mundo.

As *falas* são os assuntos gerados pela palavra ou tema. Os temas podem dar origem a diferentes organizações das falas relacionadas a eles porque os assuntos manifestam-se num universo que diz respeito a várias palavras.

O *sub-tema* surge quando, uma vez já relacionadas as falas aos temas no decorrer do discurso, identifica-se frases relacionadas com as falas em si e não com o tema principal. As frases são dimensões menores de um mesmo assunto já ligado ao tema, ou seja, são assuntos ligados às falas que geram outros assuntos paralelos ao principal.

Conceitua-se, então, fala relacionada ao tema e frase ao sub-tema, para representar objetivamente as diferentes dimensões dos assuntos gerados pelas palavras.

Seguindo-se o critério acima descrito existem diferentes maneiras de se representar estruturalmente os discursos em gráficos que recebem diferentes denominações. A opção pelo tipo de gráfico com o qual se deseja trabalhar depende:

- do tamanho da entrevista;
- das características dos sujeitos da pesquisa;
- da identificação do pesquisador com um outro método de trabalho;
- da dinâmica de grupo que será empreendida a partir dos gráficos e
- da combinação da seqüência dos temas que melhor demonstre o conteúdo da mensagem da entrevista.

A opção independe do número de elementos do grupo porque o processo de organização dos diferentes gráficos que serão agora sugeridos, demanda, aproximadamente, tempos iguais.

GRÁFICO ESTRUTURAL DE REPRESENTAÇÃO DE NÚCLEOS

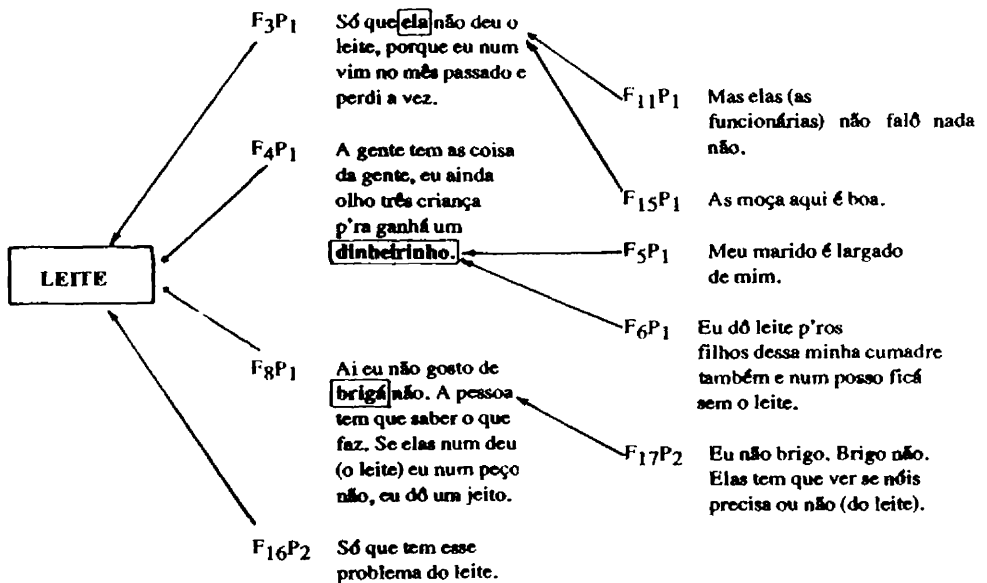
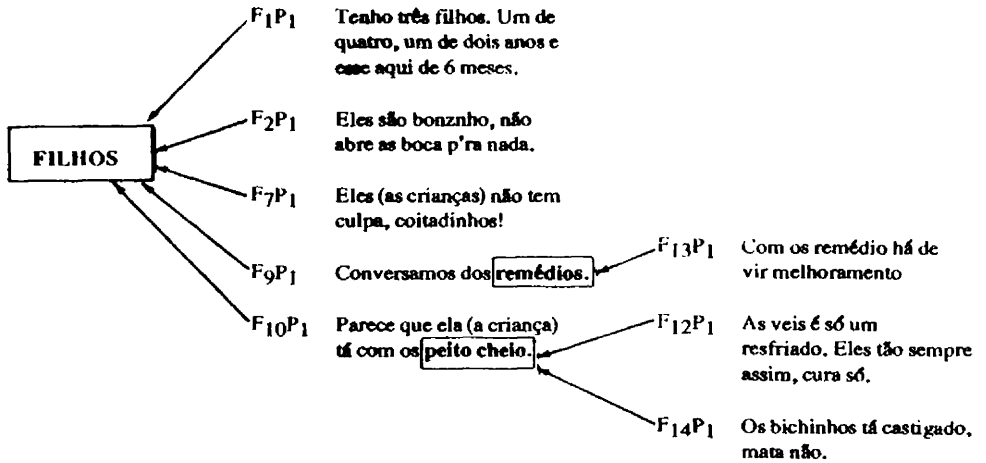
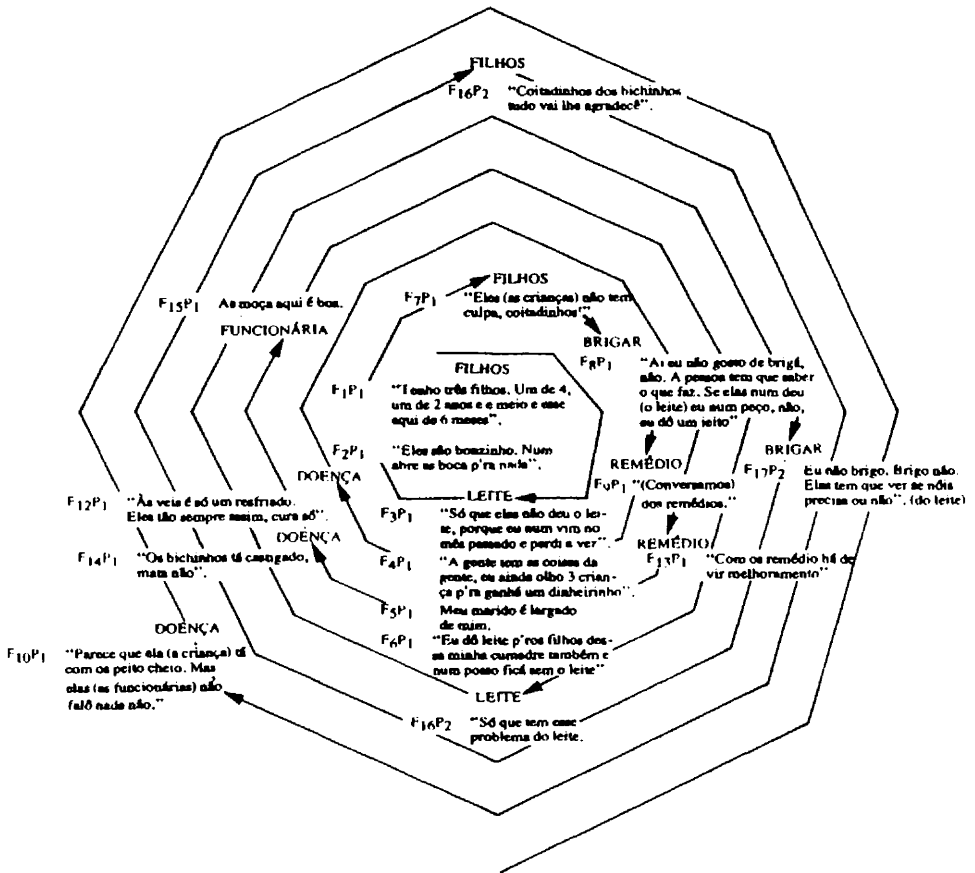


GRÁFICO ESTRUTURAL DE REPRESENTAÇÃO SEQUENCIAL LINEAR

<div style="text-align: center;">TEMAS</div> <div style="text-align: left;">FALAS</div>		1. LEITE		2. FILHOS		3. FUNCIONÁRIA	
		. Substância	. Brigar	. Remédio	. Doença		
F ₁ P ₁	Tenho três filhos. Um de quatro, um de dois anos e esse aqui de 6 meses			o			
F ₂ P ₁	Eles são bonzinho. Num abre as boca p'ra nada			o			
F ₃ P ₁	Só que elas não deu o leite, por que eu num vim no mês passado e perdi a vez.	Δ				*	
F ₄ P ₁	A gente tem a coisa da gente, eu ainda olho três criança p'ra ganhá um dinheirinho.		Δ				
F ₅ P ₁	Meu marido é largado de mim.		Δ				
F ₆ P ₁	Eu dô leite p'ros filho dessa minha cumadre também e num posso ficá sem o leite.		Δ				
F ₇ P ₁	Eles (as crianças) não têm culpa, coitadinhos!				o		
F ₈ P ₁	Af eu não gosto de brigá, não. A pessoa tem que saber o que faz. Se elas num deu (o leite) eu num peço, não. Eu dô um jeito.			Δ			*
F ₉ P ₁	Conversamos dos remédios.				o		
F ₁₀ P ₁	Parece que ela (a criança) tá com os peito cheio.					o	
F ₁₁ P ₁	Mas elas (as funcionárias) não falô nada não.						
F ₁₂ P ₁	As veis é só um resfriado. Eles tão sempre assim, cura só.						o
F ₁₃ P ₁	Com os remédio há de vir melhoramento.				o		
F ₁₄ P ₁	Os bichinho tá castigado, mata não.					o	
F ₁₅ P ₁	As moça aqui é boa.						*
F ₁₆ P ₂	Só que tem esse problema do leite.	Δ					
F ₁₇ P ₂	Eu não brigo. Brigo não. Elas tem que ver se nós precisa ou não (do leite).			Δ			*

LEGENDA: Δ, o, e * representam as freqüências com que os temas apareceram.

GRÁFICO ESTRUTURAL DE REPRESENTAÇÃO SEQUENCIAL CIRCULAR



AS INTERVENÇÕES

A partir do conhecimento das representações sociais dos indivíduos, pode-se compreendê-los durante as intervenções, tendo como base os gráficos estruturais.

Embora os sujeitos da pesquisa tenham discutido os gráficos estruturais elaborados pelo pesquisador eles mesmos delinham seu próprio perfil. As discussões proporcionadas pelas intervenções geram outra versão ou outra forma de organização do pensamento de acordo com a consciência máxima possível do grupo, que não poderia, obviamente, coincidir com a consciência máxima possível do pesquisador. Não se deve esperar, portanto, que o grupo adote para si os mesmos temas geradores identificados pelo pesquisador. Esta imposição negaria o princípio da prática participativa.

As intervenções têm estádios que podem ser percebidos através das mudanças qualitativamente diversas nos discursos do grupo que se sobrepõem em função do movimento do pensamento-ação dos indivíduos.

1º Estádio: da identificação

2º Estádio: da domesticidade

3º Estádio: da reaprendizagem

4º Estádio: da redefinição de papéis.

1.º Estádio: da Identificação

A identificação dos indivíduos no grupo, de si mesmo e do seu trabalho é essencial para o início da interação entre eles e para a autoconscientização futura, uma vez que solidifica os propósitos da pesquisa e motiva o grupo para a reflexão.

Neste primeiro momento persiste o sentimento de insegurança onde os indivíduos do grupo conhecem o pesquisador individualmente mas não se conhecem entre si. Não ficam à vontade para falar mas ao mesmo tempo estão curiosos por ouvir do que se trata.

Prevalece a ansiedade do pesquisador que, aliás, é o que mais fala, porque ele quer ser aceito pelo grupo e preocupa-se que seus elementos queiram participar.

Nessa fase acontecem muitas ocasiões de silêncio e as atenções estão mais voltadas para a figura do pesquisador. Não há interferência dos indivíduos do grupo entre si. Eles querem muito falar sobre si e querem também ouvir os outros. Cada elemento que fala é atentamente ouvido pelos demais. Pode-se dizer que, no estágio da identificação, a necessidade, no grupo, de falar e ouvir o outro é equivalente. A identificação de si mesmo e do trabalho dá oportunidade dos indivíduos se espelharem e se identificarem reciprocamente como grupo social característico.

Este estágio equivale mais ou menos a um ou dois encontros iniciais.

Este estágio equivale mais ou menos a um ou dois encontros iniciais.

2º Estádio: da Domesticidade

Neste estágio os indivíduos tentam defender-se e preservar seu papel como o correto e o esperado. Posicionam-se como vítimas de uma situação ou de um grupo de pessoas. Não estabelecem relação entre o que pensam e o que fazem. Ainda não se vêem, não se admiram.

Falam do seu trabalho e sobre si, querendo compreenderem-se. Mostram expectativa em relação à opinião do grupo e, em consequência disso, têm preocupação em motivar as pessoas para o seu foco de interesse.

O pesquisador poucas interferências faz.

A interação entre eles se fortalece nessa fase, pela intervenção entre os elementos do grupo, tratando os mesmos temas, de diferentes significados para cada um deles, de maneira a buscar a consciência que têm sobre seu trabalho e sua vida enquanto inserção social.

O grupo ainda acha que o poder de decisão e de iniciativa cabe ao pesquisador mas este deve ter consciência que lhe cabe apenas organizar o pensamento do grupo de forma a mantê-lo próximo do que ele vai estabelecendo para si.

Este estágio equivale aos dois encontros seguintes do estágio da identificação.

3º Estádio: da Reaprendizagem

Progressivamente o grupo encontra forças para discutir seus problemas. A medida que sentem sua falta de vivência em todos os segmentos de vida que uma pessoa possa ter, percebem a impossibilidade de passar valores que, vivencialmente, nunca experimentaram.

Neste estágio começa surgir o interesse comum e cada participante, então, sai de si mesmo e objetiva pontos de vista comuns.

A medida que vão descobrindo o novo pensar, têm recaídas. Tentam voltar aos velhos conceitos porque descobrem que um novo pensar representa um novo agir.

O pesquisador, mais do que em qualquer outra ocasião, sente, nesta fase, muita necessidade de interferir no grupo. É nessa interferência que reside a clarificação, para o grupo, da relação entre teoria e prática, base para a redefinição de papéis baseada no pensar-agir reflexivo.

Uma vez que o próprio grupo define suas necessidades não é preciso preocupação com pontos de chegada nem mesmo achar que isso é necessário porque

estaremos desviando as decisões do grupo para os nossos interesses e deixando de ser um trabalho participativo.

Este estágio se prolonga por aproximadamente três encontros.

4º Estádio: da Redefinição de Papéis

Quando o grupo começa a redefinir seus papéis continua ainda forte o desejo de permanecer como está. Para KONDER¹, o movimento da história é marcado por superações dialéticas e em todas as mudanças há uma negação mas, ao mesmo tempo, uma preservação daquilo que tinha sido estabelecido antes. Mudança e permanência são categorias reflexivas, isto é, uma não pode ser pensada sem a outra.

Para fazer com que o grupo assuma o seu papel no ambiente de trabalho e entenda sua forma de inserção na sociedade, basta propiciar-lhe a oportunidade de refletir sobre sua cultura, sua linguagem e suas emoções, de forma a mantê-lo vinculado com suas aspirações. O assumir advém justamente do pensar coletivo entre os elementos do grupo. O pensar coletivo, por seu lado, propicia ao pesquisador ver o conjunto de contradições próprias do grupo e suas modificações durante as intervenções. A reflexão do grupo faz com que o pesquisador possa contribuir para que seus elementos se apercebam de sua realidade.

Este estágio não tem período definido, depende da qualidade de temas que o grupo deseja discutir.

CONCLUSÃO

Partindo da hipótese na qual uma ação participativa deve alterar a percepção da realidade de seus protagonistas, tornando-os mais conscientes e mais críticos, a permanência de mudanças na estrutura do pensamento de pessoas que compartilham de uma pesquisa qualitativa, somente se dará através de modificações também nas relações de produção de serviços. Daí que o enfermeiro, uma vez obtendo o conhecimento e a compreensão de um fenômeno que a pesquisa qualitativa lhe proporciona, não pode mais implementar uma prática de enfermagem isolada da estrutura de saúde que determina como devem ser as relações de produção de serviços entre servidores e usuários sem tentar, ao menos, interferir.

LAGANÁ, M.T.C. The qualitative research: systematization of generating themes and group techniques. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 23(1): - , Apr. 1989.

This study describes the systematization of generating themes into social representations, followed by group works with interventions that go through the stages of identification, domestication, relearning and performance redefinitions.

UNITERMS: *Qualitative research. Research methods.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. KONDER, L. **O que é dialética.** 8ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1984. 87 p.
2. LANE, S.T.M. et alii. **Psicologia social: o homem em movimento.** 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1985. 220 p.